



2020: o ano em que defendemos a vida e lutamos para deter a
'boiada' e a 'granada' | 1

2020: o ano em que defendemos a vida e lutamos para deter a 'boiada' e a 'granada'

Quantas vidas valem não adiar por alguns meses uma eleição? Sim, porque não resta dúvida, passadas algumas semanas, que o processo eleitoral teve impactos sobre a pandemia e o número de óbitos.

Como disse a pneumologista Margareth Dalcolmo, da Fiocruz, em entrevista à 'Globo News', é certo que o período eleitoral, com as suas campanhas nas ruas sem máscaras e inevitáveis aglomerações, foi "muito deletério" para o ritmo das contaminações. "Vamos ser francos, todo mundo já percebeu, em seus locais de trabalho, nas suas famílias, que a transmissão aumentou muito", disse.

Há homens, mulheres e crianças que se foram em consequência disso. Não estamos diante de mortes inevitáveis, como explicou a pesquisadora, mas de consequências de uma opção política.

O posicionamento coletivo do Sindicato e da categoria em relação às eleições reflete o que foi a atuação do Sintrajud em 2020, assim como contra quem lutamos neste período. Servidoras e servidores de todos os tribunais nos pautamos pela defesa da vida, que passa também pela garantia de direitos, de conquistas e da prática solidária entre os trabalhadores. Fizemos isso usando, principalmente, os meios virtuais.

Não nos calam, não nos calaram

Inevitavelmente, 2020 ficará marcado na história como um ano de dor e perdas decorrentes do vírus que se espalhou pelo mundo e ganhou fortes aliados no Brasil. O primeiro deles o próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, referência da necropolítica adotada hoje no país.

Por outro lado, na história de nosso Sindicato ficará registrado que esses foram dias em que



2020: o ano em que defendemos a vida e lutamos para deter a 'boiada' e a 'granada' | 2
a defesa da vida, algo que já fazia parte naturalmente da essência desta entidade, ganhou proporções inéditas na nossa atuação sindical e esteve acima de tudo.

Em tempos nos quais ideologias sombrias e de ódio ganham corpo, é motivo de orgulho para todos nós que tenha sido assim. Remamos, junto com outros setores da classe trabalhadora e da sociedade civil, contra a maré dos que diziam que a economia não podia parar – leia-se, os lucros não podem parar.

Combatemos Bolsonaro e os que se aproveitaram do momento para “passar a boiada”: reduzir salários, retirar direitos, privatizar o que é público e escancarar as portas do meio ambiente para madeireiros, latifundiários e o agronegócio. Não deixamos de denunciar os que, nas esferas estadual e municipal, aplicam políticas que também levaram à perda de direitos e vidas.

Em Brasília, em nome da calamidade, decidiram congelar os nossos salários e restringir os concursos públicos. Enorme contrassenso: difícil pensar noutro momento em que tenha ficado tão evidente a importância não apenas da saúde pública, mas de todos os serviços públicos para atender à população e enfrentar a pandemia e as suas consequências sociais e econômicas.

A crise sanitária deu maior visibilidade para a extensão da pobreza em uma das dez maiores economias do mundo. Quase 80 milhões de pessoas, mais de um terço da população do país, precisou recorrer ao auxílio emergencial de R\$ 600,00 – benefício que o governo tentou limitar a valor três vezes inferior.

Escancarada essa realidade, as respostas das autoridades são medidas que tendem a ampliar as desigualdades e não o contrário: privatizações; proposta de mais 'reforma' trabalhista e terceirizações; ataques aos serviços públicos e travas para os concursos; entrega do SUS ao setor privado; fim do auxílio emergencial; salário mínimo sem aumento real num ano em que o preço da cesta básica subiu três vezes ou mais do que a inflação oficial.

Não desistiram de reduzir os salários dos servidores, assim como já haviam criado a legislação para que essa redução ocorresse em setores privados. Asfixiar os serviços públicos, rebaixar as carreiras e reduzir os salários do funcionalismo é um projeto do governo de antes da crise sanitária – basta lembrar que está na PEC 186/2019. É parte da



2020: o ano em que defendemos a vida e lutamos para deter a 'boiada' e a 'granada' | 3

aplicação da Emenda Constitucional 95, que congelou os recursos federais para os serviços públicos e as políticas sociais até 2036, enquanto mantém abertas as torneiras do pagamento dos juros das dívidas públicas a banqueiros.

O site do Sintrajud noticiava, em 19 de dezembro de 2019, que a aprovação da [lei orçamentária para 2020](#), com a previsão de redução em R\$ 6 bilhões na folha de pagamento dos servidores, já demonstrava o que o governo Bolsonaro e setores da direita no Congresso, liderados por Rodrigo Maia (DEM-RJ), pretendiam para o setor público.

Nossa luta não para

Apesar de tudo, lutamos. As assembleias se converteram em fórum virtuais. Nas primeiras semanas da pandemia, panelaços e barulhaços ecoaram por ruas de norte a sul do país. O Sindicato fez das lives - 57 já realizadas até agora - um espaço de debate, participação e articulação de nossas lutas. Realizamos uma eleição, a primeira em nossa história, por meios digitais e com expressiva participação, que fortaleceu nossa entidade sindical.

Os atos passaram a ser convocados por meios remotos e, depois, fomos retornando às ruas, sempre atentos às medidas de segurança sanitária. Repudiamos o racismo e a violência genocida contra pobres, pretos e favelados, que aumentaram no período da pandemia sob a omissão ou incentivo dos aparelhos estatais de segurança, assim como o aumento com frequência impune da violência contra as mulheres e o feminicídio. Demos especial atenção ao apoio solidário aos que vivem em situação de vulnerabilidade social.

O Brasil chega ao fim do ano contabilizando quase 200 mil vidas perdidas para a 'gripezinha', sem contar a subnotificação. Há, inacreditavelmente, quem comemore e diga que está tudo bem.

É certo que eles seguirão tentando passar "a boiada" e "jogar a granada em nossos bolsos", como comemorou o ministro Paulo Guedes. A PEC 186 segue tramitando e poderá ser posta em pauta logo no início do ano. Mas é também verdade que a nossa resistência não foi inócua. Conseguimos deter a redução dos salários até aqui. Denunciamos o significado da 'reforma' administrativa, que segue paralisada. Combatemos a necropolítica e pautamos sem descanso a defesa da vida. Ao defender as liberdades democráticas e a livre organização sindical, nos contrapomos ao discurso reacionário que prega o arbítrio, a censura e a tortura. Acreditamos e apostamos sempre na força da mobilização da classe



2020: o ano em que defendemos a vida e lutamos para deter a
'boiada' e a 'granada' | 4
trabalhadora.

Há esperança graças a tudo o que os que governam esse país tentam destruir e levar com a "boiada": ao empenho dos cientistas, dos profissionais das instituições públicas, dos trabalhadores do setor privado que lutam e resistem - dos que apostam na ciência, ajudam a salvar vidas e impulsionam a campanha que exige "vacina para todos" o mais breve possível.

Há sim esperança: porque, apesar dos pesares, muitos seguimos defendendo coletivamente um mundo melhor. Um mundo em que não haja espaço para as desigualdades sociais, para o preconceito e a violência racial e sexista, no qual a vida digna para todos e todas esteja sempre acima de tudo.

Seguimos na luta. A vida não pode parar.

Que tenhamos um 2021 de vida e de conquistas. Vai passar.

Diretoria executiva do Sintrajud